

PARADIGMAS DA GEOGRAFIA AGRÁRIA BRASILEIRA
Temas, tendências e perspectivas

Diálogo com Janaina Francisca de Souza Campos Vinha*

PARADIGMAS DE LA GEOGRAFÍA AGRARIA BRASILEIRA
Temas, tendencias y perspectivas

Diálogo con Janaina Francisca de Souza Campos Vinha

Marcia A. PERTUZ (Org.)¹

Janaina Francisca de Souza Campos VINHA²

Resumo: Recentemente foi lançado no Brasil o livro “*Paradigmas da Geografia Agrária Brasileira. Temas, tendências e perspectivas*” (2022). Resultado do trabalho e pesquisa coletiva, nos traz um mapa das principais temáticas que ocupam os estudos da geografia agrária brasileira nas duas últimas décadas. Mas para conhecer um livro por dentro e nas entrelinhas é sempre um requisito conhecer a quem escreve. Este diálogo com a geógrafa Janaina Francisca de Souza Campos Vinha, que tem dedicado grande parte de sua trajetória ao estudo das lutas dos povos do campo, das águas e das florestas, assim como à compreensão da epistemologia do pensamento geográfico no Brasil, nos permite ter uma visão mais íntima de sua caminhada e do processo de construção desta obra, que com certeza será uma referência para o ensino e pesquisas na geografia. Por meio da troca, Janaina nos permite conectar à autora com a obra, para desmistificar a ideia ‘do pensador moderno’ - intocado, estranho- e estabelecer conexões com o pensamento em corpo de mulher. Uma conversa cuidadosa entre companheiras, construída de forma remota, no marco deste dossiê “*A produção feminista do conhecimento sobre o campo na Geografia*, através do qual também pretendemos reivindicar a relevância do trabalho das mulheres nos estudos da geografia agrária no Brasil.

Palavras-chave: Epistemologia; Corpo; Trabalho; Mulheres; Geografia Agrária.

Resumen: Recientemente fue lanzado en Brasil el libro “*Paradigmas de la Geografía Agraria Brasileira. Temas, tendencias y perspectivas*” (2022). Este, es resultado del trabajo e investigación colectiva y nos trae un mapa de las principales temáticas de las que se han ocupado los estudios de la geografía agraria brasileira en las dos últimas décadas. Pero para conocer un libro, por dentro y en las entrelineas, es siempre un requisito, conocer a quien lo escribe. Este diálogo con la geógrafa Janaina Francisca de Souza, que ha dedicado parte importante de su trayectoria al estudio de la lucha de los pueblos del campo, de las aguas y de las *florestas*, así como, a la comprensión de la epistemología del pensamiento geográfico en Brasil, nos permite tener una visión más íntima de su caminata y del proceso de construcción de esta obra, que, con certeza, será una referencia para la enseñanza y la investigación en la geografía. Por medio de la troca, Janaina nos permite conectar con a la autora con la obra, para desmitificar la idea ‘del pensador moderno’ – intocado, extraño- y establecer conexiones con el pensamiento en cuerpo de mujer. Una conversación cuidadosa entre compañeras, realizada en formato

¹ Doutoranda em Geografia no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT - UNESP), Campus de Presidente Prudente. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo 2019/27196-9. Email: marcearteaga1982@gmail.com . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1961-0541>

² Docente da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM, Departamento de Geografia. Coordenadora do Núcleo de Estudos Territoriais e Agrários (NaTERRA). Pesquisadora da Rede Dataluta. Email: janaina.vinha@uftm.edu.br . ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8763-4465>

*A revisão e edição deste diálogo foi realizada pelas duas autoras, sendo que, o aqui publicado, foi autorizado por Janaina Francisca de. S.C Vinha, quem nos proporcionou conhecer um pouco de sua trajetória.

remoto, en el marco de este dossier “*La producción feminista del conocimiento sobre el campo en la Geografía*”, a través del cual, también pretendemos reivindicar la relevancia del trabajo de las mujeres en los estudios de la geografía agraria en Brasil.

Palabras clave: Epistemología; Cuerpo; Trabajo; Mujeres; Geografía Agraria.

Me conta sobre. Provocações iniciais

Marcia: Oi Jana, tudo bem? A propósito de nosso dossiê e o momento que você está vivendo com a maternidade, seria interessante conhecer e divulgar seu livro publicado recentemente. Você poderia nos falar sobre ele, quais os pontos centrais que você debate, o que motivou a construção deste?

Janaina: Oi Márcia, tudo bem? Olha, eu vou tentar gravar aqui, para então estar abordando os elementos centrais. É claro que, como autora, estou fazendo um resumo para você, ele pode estar viciado no meu ponto de vista, na minha visão, né? Então, eu corro o risco de repetir o que já está no livro, mas eu vou tentar aqui, tá? E até porque já faz tempo que eu não dou uma lida no livro, então pode ser bom nesse sentido. Também tem um resumo, que eu já submeti para uma revista, e talvez esteja ali uma primeira compreensão³.

Processo de construção da pesquisa

Então, esse trabalho foi uma continuidade dos meus estudos de doutorado. O estudo de doutorado tentou entender a história do pensamento geográfico pela ótica da geografia agrária e pelos grupos de pesquisa, só que do Estado de São Paulo. O meu recorte, até pelo trabalho e o tempo que eu tinha, foi para o Estado de São Paulo. E ali, logo que eu terminei o trabalho, em 2012, eu vi a necessidade de continuar. Na verdade, eu vi que era -é- um trabalho permanente. Sobre o pensamento geográfico, o que a geografia vem se dedicando? Que temas ela está olhando? Que paradigmas está compartilhando? Então eu vi que era um trabalho que eu tinha finalizado, para São Paulo, mas que exigia análises mais profundas e escalares. Porque os grupos vão incorporando mais pesquisadores, outros professores, a própria realidade vai modificando e movimentando o grupo, fazendo com que os temas se renovem. Eu vejo hoje essa mudança no nosso coletivo da luta, o quanto que ele é importante para dentro do NERA e

³ Temas e paradigmas da Geografia agrária brasileira: contribuições do debate paradigmático aos estudos agrários (VINHA, 2022). Em Revista da ANPEGE. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/11623>

da REDE DATALUTA a gente começar a discutir o gênero - que é pouquíssimo discutido - e como o coletivo é importante para isso, né?

Eu percebi que sempre iria ter que ficar estudando. E aí quando eu finalizei a tese de doutorado, a primeira coisa a fazer foi ampliar a análise para entender o Brasil. E eu sabia que ia ser um trabalho de fôlego. Porque uma coisa é você ler teses e dissertações de um Estado, e outra é você ampliar o seu olhar para o Brasil. Então, eu sabia que eu ia ter que refinar a metodologia. Minha preocupação foi: como eu vou dar conta de entender o Brasil? Mas eu não vou poder ter a mesma metodologia, porque a metodologia anterior foi ler teses e dissertações de São Paulo. Eu tive que ajustar a metodologia.

Notas metodológicas. Um trabalho coletivo e de fôlego

Eu comecei a ajustando, e o exercício que eu fiz para ajustar também começou na tese. Porque lá, na tese, inicialmente, eu iria fazer uma análise partindo dos anais dos principais encontros da geografia agrária, que, na minha concepção e do Bernardo, era o Encontro Nacional de Geografia Agrária e o Simpósio Internacional de Geografia Agrária - o SINGA e o ENGA. Eu comecei a fazer a análise desses textos publicados. Só que eu percebi que eram muitos textos inacabados, e que eram, muitas vezes, projetos de pesquisa. Às vezes eram textos muito confusos, em que eu não conseguia identificar temas nem paradigmas. Esses eventos estão abertos para a graduação, para a pós-graduação, para trabalhos que estão em desenvolvimento, e isso faz com que muitos, tanto da pós quanto da graduação, não tenham a maturidade para a gente fazer uma análise mais contundente, sabe? Então, eu coloquei isso para o Bernardo, e disse que não daria para fazer.

E foi aí que eu parti para entrevista com os pesquisadores, os líderes, os coordenadores dos grupos de pesquisa, e foram eles que foram me indicando as teses e dissertações. Eu tinha um trabalho que eu tinha iniciado de catalogar todos os trabalhos - eu fiquei mais de um ano lendo todos os trabalhos. Eu fiz uma base que tem todos os trabalhos do ENGA (Encontro Nacional de Geografia Agrária), do SINGA (Simpósio Internacional de Geografia Agrária), e também de um outro evento que é o ENGRUP (Encontro Nacional de Grupos de Pesquisa). E aí eu falei: “-Bom, eu vou usar isso, né?”

Foi justamente isso, ou seja, eu senti a necessidade de ampliar o olhar para além do Estado de São Paulo, e fiz um trabalho para o Brasil, meio que ajustando a metodologia que eu tinha iniciado lá no doutorado. Mas eu entendi que podia dar certo para esse novo projeto. Eu parti

da leitura de mais de 5000 trabalhos. A metodologia partiu do título e da leitura dos resumos dos trabalhos. Não tinha como ler todos os trabalhos, ou seja, mais de 5000, mas nós lemos todos os resumos. Nós pegamos todos os trabalhos que tiveram o envio do trabalho completo, porque às vezes a pessoa envia só o resumo para o evento, e não foi considerado. Lemos todos os trabalhos completos, mais de 5000 trabalhos completos.

E foi um trabalho de fôlego, que demorou muito tempo. Demorou, se eu não me engano, três anos. É que eu só consegui por conta do grupo de pesquisa que eu coordeno na UFTM (NATERRA - Núcleo de Estudos Territoriais e Agrários) e dos colegas do NERA (Núcleo de Estudos, Pesquisas e Projetos de Reforma Agrária). Quando eu estava, em 2013, em Presidente Prudente na UNESP (Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho") como professora colaboradora, eu tive ajuda de muitos alunos. A Lara (Dalperio) foi uma delas, a Hellen (Mesquita) e a Lorena também (amigas, colegas de grupo de pesquisa e hoje formadas como doutoras em Geografia). Depois, quando eu vim para a UFTM (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), eu tive projetos de iniciação científica aprovados, então, os alunos bolsistas me ajudaram muito - até tem um aluno que estudou no TCC os temas de Minas Gerais.

Então, só foi possível porque foi um coletivo, sabe? Uma tarefa que na verdade vários coletivos assumiram. Do ENGA foram os anais de 2002 até 2014 e do SINGA de 2003 a 2015. Então, o trabalho tem um lapso temporal de 13 anos. Foi criada uma planilha do Excel com todos esses 5000 trabalhos, onde cada linha corresponde a um trabalho. E aí tem o autor, o título, grupo de pesquisa, o tema, a universidade, estado, região. Também foi criada, para cada linha dessa planilha, a coluna da localização. Então, se você quiser ler o trabalho da autora X, que apresentou no ENGA de 2002, já tá organizado na planilha, que te levará a o trabalho em PDF para leitura na íntegra.

Os temas emergentes e as grandes linhas temáticas da Geografia Agrária Brasileira

Depois de toda essa organização, eu fiz essa leitura junto com os alunos e nós entendemos que a maior parte dos trabalhos da geografia agrária brasileira estão dialogando sobre o processo de lutas e resistência dos povos do campo, das águas e das florestas. São trabalhos que tem como tema central movimentos sociais, luta pela terra e reforma agrária. Se eu não me engano, entre 18% - eu sou ruim com número, número e data, mas...- entre 18% e 20% abordam os movimentos sociais, reforma agrária e luta pela terra. É o mais estudado da geografia agrária brasileira!

Só que eu entendi que esses trabalhos que envolvem a luta e a resistência são mais amplos. Por isso que eu chamei no livro de **Geografias de lutas e resistências**, porque reforma agrária, luta pela terra e movimentos sociais é o principal tema, sem dúvida. Mas tem outros, como campesinato, educação do campo, agroecologia que também são entendidos junto dessa geografia de lutas e resistência. Então, o número na verdade é muito maior que 18 a 20%. Inclusive a agroecologia, cooperativismo, mercados e gênero são um dos temas que mais vem crescendo. E esses temas, claro, abrangem um número menor de trabalhos, mas são temas emergentes, temas potentes.

Eu não fiz uma análise pormenorizada, Márcia, do gênero sabe? Eu faço um resumo do que eles abordam, aliás, de todas as temáticas identificadas, mas quando a gente se propõe analisar temas e paradigmas da geografia agrária é um trabalho muito complexo. É apresentado um panorama da geografia, um “mapa”. Você não consegue dar foco para tudo, e aí teriam que ter outras pesquisas para estudar, por exemplo, o gênero na geografia, para estudar agroecologia, etc. Se eu pudesse indicar uma fragilidade dos trabalhos que propõem atualizar o pensamento geográfico, é esse; porque ele aponta para várias questões, mas não aprofunda em nenhuma. O que eu vou aprofundar mesmo é na questão dos paradigmas. Movimentos sociais, luta pela terra e reforma agrária estão alinhados ao paradigma da questão agrária, que é o paradigma que enxerga o campo a partir das contradições, da desigualdade, das estruturas desiguais que estão no campo brasileiro, geradas pelo capitalismo no campo, na figura do agronegócio, da mineração, da violência e do latifúndio.

Trajetórias

Marcia: Obrigada Jana pela troca. Ao escutar você falando sobre essas questões, penso que vale a pena ampliar o nosso diálogo para além do livro. E eu tenho umas perguntas, se você está de acordo em responder... Que você acha de nos compartilhar como é que a Jana faz esse caminho até aqui, tendo em conta os atravessamentos de sua vida pessoal, de você quanto mulher, mãe, de professora universitária e pesquisador, fazendo geografia agrária num médio masculinizado? Eu pensei algo nessa perspectiva.

Janaina: Marcia, adorei a ideia.

Marcia: Bom, que bom que você achou uma boa ideia! E eu acho que podemos começar falando sobre como é que você se interessa no estudo da epistemologia na Geografia Agrária, o que vocês chamam de Paradigmas, mas que nos permitem conhecer a epistemologia dos

estudos agrários. Também, como é que tem sido seu caminho como mulher dentro da própria Geografia Agrária? Quais os desafios? Qual luta você tem tido que levar? Quais relações de poder tem tido que enfrentar e a quais você tem se visto sujeita?

E como você continua sua carreira, aí em Minas Gerais, quais os temas que você tem trabalhado? Como é que desde a prática (não propriamente como tema de pesquisa), você começa a colocar no centro as mulheres e o que representa ser mulher nessa vida acadêmica e na sociedade. Porque eu vejo, como você não incorpora diretamente nos seus estudos o Feminismo ou melhor os Feminismos, mas na prática você faz. E quanto que isso, contribui para a própria construção da Geografia, sabe? mas não só, também para que mais mulheres consigam ir ocupando mais espaços dentro dessa geografia tão masculinizada, branca, misógina, que a gente conhece...

O interesse pela Geografia Agrária e a Epistemologia

Janaina: Primeiro, como é que eu me interesso pelo debate paradigmático, pela epistemologia? Na verdade, a minha aproximação se dá por conta de uma lacuna que eu sentia na minha formação acadêmica na graduação. Na verdade, não por parte dos professores. Mas eu sentia que a discussão teórica e metodológica da geografia ainda estava muito distante de mim, eu tinha muita dificuldade de entender. Eu me recordo de uma disciplina (história do pensamento geográfico), com o professor Thomaz, que é uma disciplina que logo que a gente chega no primeiro semestre da graduação da licenciatura em Geografia temos que cursá-la. A gente ainda tinha muitas, mas muitas dúvidas com relação ao curso. Eu lembro que o professor nos proporcionou muitas bibliografias, como Milton Santos e Rui Moreira. Eu lembro que eu tentava realizar essas leituras, mas confesso que era muito denso para mim naquele momento, eu estava iniciando os estudos na geografia. Então, ainda que eu me esforçasse, ainda que eu lesse, eu não conseguia entender muita coisa. E naquele primeiro ano, essa disciplina me deixou com essa sensação de que tinha uma lacuna sobre a questão teórico-metodológica no Geografia, e foi em virtude dessa lacuna que eu me aproximei dos estudos. Porque aí eu pensava: - Como que eu vou estar junto da geografia, tentar entender a geografia sem conseguir compreender as questões desde a gênese da geografia e da sua história. As questões, essas ainda eram mais tranquilas, mas questões de método, sabe?

E aí, quando foi no terceiro ano da graduação, quando eu fui para a disciplina de Geografia Agrária com o professor Bernardo, ele tinha como uma das tarefas das atividades avaliativas a

desconstrução - não sei se você já ouviu falar, mas era uma atividade muito interessante, que consistia na gente ler um livro, ler uma dissertação, ler uma tese, ler um trabalho acadêmico e tentar identificar o objeto, a teoria, o método. Então, essas questões iniciais que estavam para mim, no primeiro ano, elas meio que foram como uma assombração, né? No terceiro ano voltaram, porque aí eu me deparei com a desconstrução do Bernardo e eu pensei: “-Nossa, novamente eu estou com essas questões teórico-metodológicas no meu colo”.

Então, se você me pergunta como que eu me interessei pela história da epistemologia, é no primeiro ano, pensando nessa lacuna e na complexidade que era entender essa questão, com ela retornando no terceiro ano. No terceiro ano ela retorna de uma maneira diferente, porque eu estou um pouco mais madura, mas aquela lacuna ainda eu sentia. Só que aí eu tento associar a geografia agrária, que é tentar compreender o campo brasileiro, a questão agrária brasileira e latino-americana.

Também na graduação, eu me vinculo ao NERA, um vínculo sem bolsa, sem nenhum projeto específico. Mas eu me vinculo e tento organizar um projeto de pesquisa de iniciação científica para submeter à FAPESP. Naquele momento, como eu estava na iniciação científica, a gente fez um recorte um pouco menor, mas desde o terceiro ano já estava no horizonte o desafio de compreender os temas e paradigmas da geografia agrária brasileira. Então, eu vou me aproximando da geografia agrária e das questões teórico-metodológicas a partir do desafio e da complexidade que para mim era estudar e entender essas questões naquele período.

Até falei outro dia com meus alunos: -”Quando eu me aproximo é porque eu vejo que eu estou distante.” Dialético, né? É contraditório, mas tanto quando eu penso nas questões teórico-metodológicas quanto na geografia agrária, eu me aproximo delas tentando encurtar essa distância. Eu nasci e me criei em Santos, uma cidade litorânea do estado de São Paulo, onde a população rural é quase inexistente. Então, eu sempre fui uma pessoa criada no asfalto. Uma cidade muito verticalizada, poucas casas, poucos quintais, então, eu tenho origem cidadina. E quando eu tenho as aulas com Bernardo no terceiro ano, me deparo com um mundo que eu desconhecia; passo a querer entender o campo, entender o espaço agrário; aquilo é fascinante para mim, era tudo que eu não conhecia, na verdade, eu não conhecia esse mundo agrário, o espaço agrário. É assim que eu me aproximo da geografia agrária.

A trajetória como mulher na Geografia Agrária

Janaina: Meu caminho, minha trajetória como mulher na geografia agrária... A princípio é um caminho que eu não vislumbrava. Foi o que eu te coloquei anteriormente, esse desconhecimento, nessa busca por estudar o campo, me fez me aproximar da geografia agrária, e caminhando é que eu fui percebendo os desafios que a gente iria encontrar.

Acho que uma primeira questão que se coloca no meu caminho e que é muito presente para mim, é a ideia de ser mulher mesmo dentro da geografia. Porque eu lembro que desde o grupo de estudos no NERA, nós éramos poucas mulheres; quando a gente vai caminhando rumo a pós-graduação, isso foi afunilando. E aí eu fui me vendo sozinha, fui me vendo mais distante de tantas colegas que estavam comigo nas disciplinas, na formação da graduação. E eu vou percebendo na pós-graduação, sobretudo nos eventos, que é uma geografia muito masculina.

Na Rede Dataluta, que eu participo desde 2006, eu sempre percebi uma geografia de muitos homens, feita por muitos homens. E isso não foi colocado *a priori*. Então, a geografia agrária não tinha esse rótulo para mim, eu não a entendia dessa forma. E aí, como eu disse, no caminhar é que eu fui descobrindo uma geografia com muitos homens. E é dentro dessa trajetória, como mulher, que a gente vai se percebendo muito solitária. Porque primeiro que a gente vai percebendo que não há muitas mulheres; não existem pares que vão dialogar com você. E então isso vai se tornando muito duro e muitas vezes vai te deixando um pouco mais insegura. Eu concluo meus estudos de doutorado com 27 ou 28 anos, se não me engano, então uma mulher muito nova; em concurso público que eu já fui prestar, as pessoas questionavam o fato da minha pouca idade, as pessoas brincavam, faziam chacota disso. E dando aula nos estágios que nós tínhamos na pós-graduação ou nas minhas primeiras experiências dando aula na universidade, as pessoas não esperavam encontrar uma mulher baixinha, pequenininha, de vinte e poucos anos. Isso não era falado, mas o olhar das pessoas intimidava, né?

E eu confesso para você que isso foi me gerando na vida acadêmica, sobretudo na pós-graduação, bastante insegurança. Porque aqueles olhos eram os olhos de quem? De pessoas que não esperavam uma mulher para dar aula na universidade, para abordar aquela temática. Porque, de fato, eu fui percebendo que a geografia (e muito na geografia agrária), ela é muito masculina. E ela tem um biotipo, de homens mais velhos, brancos. Então eu percebi que a minha imagem, a minha figura como mulher, incomodava. Eu já escutei pessoas falando que não estavam esperando eu ali, estavam esperando uma outra pessoa, uma outra figura. Eu acho que também

pensavam: “Nossa, mas né, geografia agrária feita por essa mocinha?”. Eu fui vendo o terreno que eu estava entrando, e aí eu fui percebendo que eram uns desafios que estavam para além de uma discussão acadêmica, mas era uma questão que envolvia gênero e classe. Venho de uma família de pais separados, com uma mãe que era ambulante (vendia comida na rua) e de um pai que trabalhava na linha de montagem da Volkswagen no ABC Paulista. Então, há também uma questão de classe.

Como mulher, a partir dessas e outras tantas experiências, eu fui me entendendo. Hoje consigo captar um pouco melhor que ser mulher dentro da geografia agrária é um desafio muito grande, muito grande mesmo. E ser nova também é outro desafio muito grande. E isso gera certo impacto nas pessoas.

Fui percebendo como os departamentos estavam constituídos, que não eram espaços pensados pelas e para as mulheres. Eu sinto que foi muito pela prática, muito pelas experiências que eu fui vivendo, e que foram me mostrando a geografia. Eu fui percebendo que ia ser muito difícil fazer a discussão agrária dentro de um município conservador, de um Estado muito conservador, porque, tal como São Paulo, Minas Gerais é um estado muito conservador, e Uberaba mais ainda, onde o agronegócio é muito forte e o latifúndio historicamente é muito presente. E com certeza, esse embate não é só porque eu estou num campo à esquerda, mas envolve a questão do gênero. Quando a gente é mulher, somos mais desafiadas, mais questionadas se, de fato, temos capacidade e se vamos conseguir.

Participo de um ambiente de trabalho em que eu sou a única mulher. Vamos pensar aí nos horários das reuniões, por exemplo: será que vão ocorrer no horário em que a gente está levando/buscando as crianças na escola? São espaços e tempos que como não são criados por mulheres, dificultam a nossa participação porque não são pensados por nós e nem para nós. Como mulher, esse caminho sempre foi muito áspero; um caminho muito solitário, mas que recentemente eu tenho encontrado muitas vozes para estar ecoando comigo esses desafios enfrentados. A Rede Dataluta tem sido um marco muito importante com o coletivo de mulheres; os estudos de gênero estão aí para mostrar para nós que este é um tema que precisa ser feito pelas mulheres, né? É um tema que vem crescendo dentro da geografia agrária.

A gente tem percebido, cada vez mais, a importância do estudo sobre as questões de gênero, mas são questões de gênero que precisam associar a classe, a cor, a etnia. Porque é preciso pensar que quando olham a Janaína, não olham só a Janaína enquanto uma mulher, mas

enquanto uma mulher que veio, da classe trabalhadora, que pertence à classe trabalhadora e que é branca; que se fosse negra teria outros desafios. E então, acho que são elementos pra gente pensar essa trajetória. Vendo-a hoje, eu percebo que é preciso que a gente tenha mais e mais companheiras que possam trazer essas discussões de gênero, intersecção, articuladas a outras. E isso tem me movido a entender mais as questões de gênero.

A dialética entre a prática e a pesquisa. Por que o debate feminista?

Janaina: E aí quando você pergunta sobre a minha trajetória acadêmica aqui em Minas Gerais, eu acho que eu já falei um pouquinho. E o que isso tem contribuído nas práticas para os estudos acadêmicos? Primeiro eu descubro nas minhas pesquisas que os estudos de gênero são muito poucos e essa é uma primeira evidência que me aproxima dos estudos feministas. E depois é a prática. É muito o que eu tenho vivido, o que a gente tem vivido, é tão áspero e tão cruel que a gente começa a perceber a importância que é fazer esse debate feminista, que é destruir o patriarcado. Então, não é um estudo que me motiva a continuar discutindo ou fazendo ações, é o contrário; é nessa experiência, muito dolorosa para todas nós mulheres, que eu me descubro na academia. É claro que a nossa sociedade é patriarcal e machista, está na estrutura; eu vivi isso durante a minha vida inteira; a minha mãe é uma mulher nordestina que me criou, meus pais eram separados, então assim, é uma cultura muito machista. Então, isso eu vivi muito. Mas eu vivia e não entendia o significado do que eu estava vivendo. Eu passei a entender entre a graduação e a pós-graduação, porque acho que aí, a partir das leituras, a partir do estudo, e da própria experiência, que a gente vai se entendendo e descobrindo quem é e o que tá acontecendo no mundo.

E é ‘engraçado’ isso, porque quando eu venho para a universidade (e isso é assustador falar), mas a universidade pública brasileira, ela dá a possibilidade de homens e mulheres terem o mesmo salário, desempenhe os mesmos papéis, as mesmas atividades e as mesmas funções. E eu percebo que desempenhar isso assusta muito os homens; quando a gente passa a ocupar espaços administrativos e de gestão, ou quando, por exemplo, temos projetos de pesquisa aprovados pela FAPEMIG e CNPq, quando a gente começa a ganhar mais espaço, isso vai incomodando e gerando uma violência. Então, eu sinto muita violência. Num primeiro momento, eu não entendia essa violência, mas eu fui percebendo, muito cruelmente, que a questão de gênero e do machismo é muito presente; fazem as pessoas serem violentas, te oprimir, te assediar; a violência verbal é muito grande. Eu percebo que a sociedade, a

universidade, ela possibilita isso, mas a comunidade interna não está preparada para isso. É isso que eu sinto. Pode ser que daqui a cinco, dez anos eu tenha outras respostas, mas é o que eu sinto hoje. E é isso, ser mulher, ser nova, vir de uma classe social inferior, tudo isso são desafios.

E para finalizar, Márcia, é pensando em tudo isso que eu tenho vivido que eu tenho me aproximado cada vez mais nos estudos que envolvem o feminismo, que envolvem o gênero. Porque é isso, é o que eu fui vivendo. Eu não começo com um tema de estudo que me aproxima, mas é a própria vivência cruel que vai fazendo com que a gente se entenda como mulher. E dessas discussões, fomos forjando o coletivo da Rede DATALUTA, junto com a Hellen, Lara, que estiveram ali no início comigo. É essa prática que foi me levando para os estudos e para esses estudos mais relacionados ao feminismo. E eu estou muito contente, muito mesmo. Porque estar junto do coletivo, das mulheres, ter escrito artigos, ter orientado nessa temática. Tem uma defesa que vai ocorrer em breve, da Noeli Welter Taborda, que é uma liderança do Movimento das Mulheres Camponesas, o MMC, uma dissertação belíssima, que foi construída sob o olhar do Feminismo Camponês Popular.

Essa minha aproximação vai ocorrer bem devagarzinho, e muito numa descoberta do que é ser mulher. E nessa descoberta do que é ser mulher, envolve também ir me distanciando dessa mulher que se via só como uma mulher acadêmica, entendendo que a vida é muito mais. Então, quando eu me torno mãe (há sete anos atrás nascia o Benício), me é mostrado que a maternidade é algo muito difícil também. Eu vou desde aí, me descobrindo como mãe, como companheira de lutas das outras, das outras educandas, das outras colegas, que são mulheres e que passam por situações e momentos muito semelhantes aos meus.

Esses dias eu estava escrevendo sobre a práxis, e a práxis é isso, é a teoria, a prática, é o pensado e o vivido, é o material e o imaterial; eu venho de um campo de estudos teórico da geografia, mas que em momento nenhum se dissocia da prática. Então, quando a gente lê a teoria da geografia, quando a gente lê os paradigmas da geografia, a gente está falando daquilo que foi interpretado, mas que é parte da realidade, que está sendo modificado e transformado a todo momento. Por isso, não tem como desvincular teoria da prática. E pensando nos meus estudos também, um estudo que se inicia nos temas e paradigmas, e que isso vai levando à construção de outros projetos.

Então, quando eu entro na Universidade Federal do Triângulo Mineiro, em 2014, como eu te disse, eu sou a única professora que estuda as questões agrárias. E aí a gente tem um conjunto

muito variado de temas que precisam ser estudados - são só as questões teórico-metodológicas. Mas eu confesso para você que ter estudado as questões teórico-metodológicas ajudaram muito, porque ao entender os paradigmas da geografia agrária, foi me colocado um leque de possibilidades. E ali, depois que esse panorama de possibilidades foi colocado, eu vou tentando compreender um pouquinho desse leque, que é muito complexo é claro, mas que me dá a possibilidade de ter contato com vários temas, de compreender os paradigmas. Foi importante porque a partir dele a gente foi construindo aqui vários projetos.

Eu tenho me direcionado muito para os estudos e extensionistas aqui na universidade, tem uma companheira aqui, uma professora do Serviço Social, da Nutrição e da Licenciatura em Educação do Campo, que tem me ajudado muito, tem contribuído muito nessa caminhada. Então, a gente vem para cá, para uma cidade que tem dois assentamentos rurais, e aí a gente pensa em como contribuir politicamente com esses assentamentos. Um dos projetos visa fortalecer a agricultura camponesa em Uberaba, o FACU, que é um projeto que está desde 2015 na universidade. Passamos a pensar em temas que envolvem alimentação, agroecologia, gênero; o campo de estudo sempre vai sendo alargado. E é bom que ele vai sendo alargado, porque exige da gente, enquanto pesquisadora, enquanto militante, que a gente não fique na zona de conforto, que a gente acompanhe a realidade.

Hoje a gente vê a necessidade dos estudos de gênero, então, não tem como eu falar que o meu campo de estudos é o paradigma, e que eu não vou estudar gênero. Há inúmeras problemáticas importantes, ou seja, não me furto a incorporar novos temas que dialoguem com o Paradigma da Questão Agrária. Então, é pensar mesmo na *práxis*, ou seja, o que a realidade demanda. Na UFTM, temos pensado numa alimentação saudável, que não seja só cana, que não seja só representado pelo agronegócio. Pensar numa alimentação de verdade, agroecológica, calcada na soberania alimentar e na reforma agrária popular.

*Vê se acha que eu falei muito, né? Vai cortando aí. Eu vou
buscar o B na escola, o Benício na escola.*

Um beijo.

Referências

VINHA, Janaina Francisca de S. C.; FERNANDES, Bernardo M. **Paradigmas da Geografia Agrária Brasileira**. Temas, tendências e perspectivas. Paco Editorial: São Paulo, 2022.

VINHA, Janaina Francisca de S. C. Temas e paradigmas da Geografia agrária brasileira: contribuições do debate paradigmático aos estudos agrários. **Revista da ANPEGE**, [S. l.], v. 17, n. 34, p. 71–86, 2022. DOI: 10.5418/ra2021.v17i34.11623.

Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/11623>. Acesso em: 17 nov. 2023.

Sobre as autoras

Marcia A. Pertuz - Mulher, migrante, geografa feminista e cozinheira. Formada na ‘Universidad de Córdoba’, Colômbia. Mestre em Geografia pelo Programa em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe pelo IPPRI-UNESP. Doutoranda em Geografia pela UNESP- *Campus* Presidente Prudente, Brasil. Entre junho e novembro de 2023, realizei um estágio de pesquisa doutoral no Programa de Estudios e Intervenciones Feministas no CESMECA-UNICACH, em SCLC Chiapas, México. Me interesso nos estudos agrários, nas epistemologias feministas, nas violências no campo, nos processos de defesa e luta pela vida-terra-territórios e nas resistências femininas/feministas da América Latina e o Caribe. Experimento a cozinha como espaço de resistência, troca de afetos e saberes.

Janaina Francisca de Souza Campos Vinha - Mãe do Benício e do Emiliano, companheira do Tiago, pesquisadora/militante, feminista, nascida e criada em Santos (SP), filha de uma potiguar e de um mineiro, é formada em Geografia pela UNESP, *campus* Presidente Prudente. Ainda em seu processo formativo, migrou para o interior do Brasil e de lá não saiu mais. Vem se dedicando aos estudos agrários, sobretudo temas que abrangem o pensamento geográfico, movimentos sociais, luta pela terra e reforma agrária. Recentemente, em virtude do reconhecimento de que é necessário cuidar da saúde mental, vem tentando imprimir outros ritmos junto ao trabalho acadêmico e, assim, vem redescobrando os prazeres cotidianos da vida. Faz aula de zumba e adora dançar!